

São Paulo, 18 de junho de 2012
Curtas omitidas nos últimos dias

Por Alexandre Yokote

Para nós, defensores dos temas associados a sustentabilidade, estas últimas semanas foram quentes nos artigos e discussões sobre economia verde, afinal estamos no “não tão mais prestigiado” Rio+20. Muito se esperava do evento para uma definição estratégica para a sustentabilidade do planeta, mas a própria ONU já alega que o evento será um fracasso, mas ainda sonha por uma lágrima de consenso das lideranças mundiais, que infelizmente estão ausentes.

Paralelamente às discussões por um bem comum, claramente há as manifestações oportunistas, como contra o presidente do Irã.

Enquanto que o foco das questões é a ecoeficiência, inclusão, cidades sustentáveis, metas de emissão, princípios de sustentabilidade, infelizmente incidentes acontecem, alguns abertamente destacados em mídia e outros, apesar de críticos, são pouco espalhados.

Hoje vou destacar dois incidentes associados a risco produto, mais especificamente alimentar.

Há poucas mais de uma semana a rede Wal-Mart, em artigo do Wall Street Journal, após todas aquelas acusações sobre propinas, agora está sendo acusada de vender óleo de gergelim com alta concentração de cádmio, fora de especificação em segurança alimentar. Mas em janeiro já tiveram problemas com acusação de venda de costelas de porco provenientes de animais doentes e no âmbito de sustentabilidade foram também acusados de vender carne de porco rotulada como de suinocultura orgânica, porém era de suinocultura normal.

Em meio à crise, mas num mercado crescente e com forte concorrência, esses eventos estão impactando a reputação da rede varejista.

Mas vamos para a pior, que mais uma vez mancha a imagem agora da Rio+20. No último domingo dia 17 um grande caso de marmitas estragas que foram dadas a participantes indígenas na Cúpula dos Povos que ficavam no Acampamento Terra Livre. Alguns que chegaram a consumir passaram mal e foram medicados, houve revolta dos indígenas, com interrupção da entrega dos alimentos e manifestação pública justamente no plenário de “soberania alimentar”.

A empresa provedora do alimento em questão teve o contrato cancelado e outra foi emergencialmente contratada. Nos resta saber, porque o produto estava realmente estragado? Quanto foi negociado de custo com a empresa e quanto foi o novo contrato emergencial?

Para não esquecer. No dia 13, a Petrobras foi acusada de omitir aos acionistas um vazamento de 1.700 litros de tolueno e 2.800 litros de inibidor de asfalto no Campo de Chinook (onde a Petrobras é líder num consórcio com a francesa Total), justamente no Golfo do México.